

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
TECHNICOLOR: O ESPLENDOR DA COR
10 e 31 de agosto de 2023

THE WORLD IN HIS ARMS / 1952

(O Mundo nos Seus Braços)

um filme de Raoul Walsh

Realização: Raoul Walsh / **Argumento:** Borden Chase, segundo um romance de Rex Beach / **Diálogos adicionais:** Horace McCoy, R. Bertenson / **Fotografia:** Russell Metty / **Efeitos Especiais:** David S. Horsley / **Direção Artística:** Alexander Golitzen / **Figurinos:** Bill Thomas / **Montagem:** Frank Gross / **Música:** Frank Skinner / **Coreografia:** Harold Belfer / **Intérpretes:** Gregory Peck (Cp. Jonathan Clark), Ann Blyth (Condessa Marina Selanova), Anthony Quinn (Portugee), John McIntire (Deacon Greathouse), Andrea King (Mamie), Carl Esmond (Príncipe Samyon), Eugenie Leontovitch (Marina Selanova), Sig Ruman (General Ivan Vorashilov), Hans Conried (Eustace), Bryan Forbes (William Claggett), Rhys Williams (Eben Claggett), Bill Radovitch (Ogeachuck).

Produção: Aaron Rosenberg, para a Universal-International / **Cópia:** 35mm, colorida, legendada eletronicamente em português, 104 minutos / **Estreia Mundial:** Junho de 1952 / **Estreia em Portugal:** Monumental, em 18 de Dezembro de 1953; **Reposição:** Alvalade, em 24 de Agosto de 1965.

A sessão de dia 31 tem lugar na Esplanada e decorre com intervalo de 15 minutos

Com **The World in His Arms** a cor entra definitivamente no cinema de Walsh, para não mais o abandonar. Mas esta pura obra-prima do cinema de aventuras representa também uma mudança de peso na carreira do realizador. **Distant Drums** fora o seu último filme sob contrato com a Warner, fim de uma frutuosa relação de 12 anos de que nasceram tantas obras-primas. Walsh, a partir de agora vai passar por vários estúdios, acabado que fora o domínio destes em consequência da aplicação da lei anti-trust. À Warner voltará, certamente (que não podia dispensar o seu saber de "film doctor" e a ele recorreu mais de uma vez, em especial para as cenas de batalha de **Helen of Troy/Helena de Tróia**, em 1955, assinado por Robert Wise), mas alternando com trabalhos para outras companhias, em particular a Fox, a RKO e a Universal. Para esta última dirigiu três filmes, o que vamos ver, **The Lawless Breed/Sob o Signo do Mal** e **Saskatchewan/A Grande Ofensiva**. **The World in His Arms** é, de todos, o melhor, por muito que se goste dos restantes (em particular do tão injustamente subvalorizado **Saskatchewan**), e pessoalmente é, ao lado de **The King and Four Queens/Um Rei e 4 Rainhas**, o "meu" Walsh favorito. O seu triunfo é ainda mais sugestivo porque por si só demonstra a quem tiver olhos para ver que Walsh foi mesmo um "autor", independente do "studio system" (o que ele soube fazer, e bem, foi aproveitar as características de cada um para a sua obra), com um estilo e personalidade próprias. Porque sendo uma produção da Universal, **The World In His Arms** forma um corpo uniforme com outros feitos em estúdios diferentes. São os chamados filmes "do mar", que reúnem, além deste, **Captain**

Horatio Hornblower/Epopeia nos Mares, produção da Warner, **Blackbeard the Pirate/Barba Negra o Pirata** e **Sea Devils/Gigantes Em Fúria**, ambos da RKO.

The World In His Arms é um filme que vive em estado de euforia permanente. Não há um segundo de pausa e o estilo de Walsh faz empurrar a acção num movimento perpétuo e incansável. Há a ter em conta, neste caso, o papel do argumentista. Trata-se de Borden Chase, que voltaremos a encontrar na escrita de **Sea Devils**. Os filmes escritos por ele destacam-se exactamente pelo ritmo "imparável", pela rápida transição das sequências. Neste caso o método de Chase identifica-se bem com o de Walsh, mas o realizador imprime um outro ritmo que marca a dinâmica das sequências. Para se perceber melhor a diferença compare-se **The World...** e **Sea Devils**, com os argumentos de Chase filmados por Anthony Mann (**The Far Country/Terra Distante**) ou King Vidor (**Man Without a Star/Homem Sem Rumo**). As sequências desenvolvem-se no mesmo ritmo, mas, dentro delas, é diferente, dominadas que são por outros estilos, onde predominam um tom contemplativo ou elegíaco. Para Walsh não há "tempo" para isso. Tudo se subordina ao princípio do prazer e da euforia, e ao movimento que os gera. E entra-se sem pausa ou apresentação na acção (a legenda inicial destina-se apenas a dar uma localização temporal à acção).

Gregory Peck é o capitão Clark que aparece logo ao começo desembarcando e provocando uma zaragata para libertar os seus homens que Portugee (Anthony Quinn, no seu melhor trabalho como secundário, com um personagem "bigger than life", truculento, provocante, briguento, ainda por cima português, falador e aldrabão!) "raptara" para o seu barco. É durante o percurso que por breves palavras e exclamações saberemos quem é, a fama que tem, e, depois, os seus projectos. Desta tonitruante chegada passa-se, sem pausa, para a festa no hotel onde a condessa Marina, que procura fugir do czar e juntar-se ao tio numa região do Alasca, nos é "apresentada" com a mesma brevidade e eficácia. A festa e o romance entre Clark e Marina desembocam imediatamente nos preparativos do casamento, na revelação da identidade de Marina e a sua desapareição, culminando nas gargalhadas de Portugee, encantado por ver o seu rival desenganado e na bebedeira monstra de Clark que o leva a querer sacrificar o próprio barco. Será o desafio e oportunismo de Portugee que "acordam" Clark. Isso e o "cheiro" do mar. De facto, se há filme em que o mar seja "palpável" e em que se "sinta" inclusive o seu gosto a sal, se há filme em que o vento pareça cortar-nos a cara e as ondas parecem abrir-se para nos levar, esse filme é **The World In His Arms**. E tem rivais de peso, de **Captains Courageous/Lobos do Mar** de Victor Fleming e **The Sea Wolf/O Lobo do Mar** de Michael Curtiz, a **Down To the Sea in Ships/Capitães do Mar** de Henry Hathaway. Nenhum outro conseguiu tal proeza, por mais efeitos especiais que use. Para se encontrar algum filme que nos transmite essa sensação de pureza e de perfeição, de perigo e inquietação, de surpresa, de vida e de morte que o mar apresenta, é preciso irmos muito atrás no tempo, e noutra longitude, até **O Samovo Sinevo Moria/"À Beira do Mar Azul"** de Boris Barnet (1936).

O momento culminante é a portentosa perseguição que o "Pilgrim" de Clark move ao "Santa Isabel" de Portugee, a caminho da ilha para caçarem as focas. O movimento das escunas, as velas enfunadas, as quilhas rasgando as águas, o movimento que acompanha a progressiva aproximação são únicos e provocam uma emoção que explica, mais do que o plano final, o que é ter "the world in his arms" para um homem como Clark.

Manuel Cintra Ferreira

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico